



# Olhares sobre o ensino de enfermagem em Portugal

## Views on nursing education in Portugal

Olga Maria Pimenta Lopes Ribeiro<sup>1</sup>, Maria Manuela Ferreira Pereira da Silva Martins<sup>2</sup>, António Luís Rodrigues Faria de Carvalho<sup>2</sup>, Luísa Maria Marques Marinho Santos<sup>3</sup>, Maria de Fátima Rocha Viana<sup>3</sup>

**Objetivo:** compreender a percepção dos enfermeiros da assistência hospitalar sobre o ensino de enfermagem. **Métodos:** estudo qualitativo, realizado em 19 instituições hospitalares, com 56 enfermeiros. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada e, na análise, o software *Atlas.ti*<sup>®</sup>. **Resultados:** emergiram como unidades de análise: aspectos positivos e negativos do ensino de enfermagem em contexto teórico; e aspectos positivos e negativos do ensino de enfermagem em contexto prático. A percepção dos enfermeiros sobre o ensino de enfermagem está relacionada, essencialmente, à existência de processos formativos muito diversificados. **Conclusão:** apesar da evolução da enfermagem enquanto disciplina e profissão, os enfermeiros reconhecem que, no âmbito do ensino, muitas das fragilidades estão alicerçadas nas diferenças entre as escolas de enfermagem, sendo evidente a necessidade de maior aproximação da teoria à prática, o que implica, entre outras estratégias, o acompanhamento dos estudantes durante os estágios pelos docentes da Escola. **Descritores:** Ensino; Enfermagem; Educação em Enfermagem; Estágio Clínico.

**Objective:** to understand nurses' perception of hospital care about nursing education. **Methods:** a qualitative study was carried out in 19 hospital institutions, with 56 nurses. For the data collection, the semi-structured interview was used and, in the analysis, the *Atlas.ti*<sup>®</sup> software. **Results:** these aspects emerged as units of analysis: positive and negative aspects of nursing teaching in a theoretical context; and positive and negative aspects of nursing teaching in a practical context. The perception of nurses about nursing education is essentially related to the existence of much diversified training processes. **Conclusion:** despite the evolution of nursing as a discipline and profession, nurses recognize that many of the weaknesses in nursing education are based on the differences between nursing schools, and the need for a closer approximation of theory to practice is evident, among other strategies, the follow-up of the students during the internships by the teachers of the School. **Descriptors:** Teaching; Nursing; Education, Nursing; Clinical Clerkship.

<sup>1</sup>Escola Superior de Saúde de Santa Maria. Porto, Portugal.

<sup>2</sup>Escola Superior de Enfermagem do Porto. Porto, Portugal.

<sup>3</sup>Instituto Português de Oncologia. Porto, Portugal.

Autor correspondente: António Luís Rodrigues Faria de Carvalho

Escola Superior de Enfermagem do Porto, Rua Dr. António Bernardino de Almeida, 4200-072. Porto, Portugal. E-mail: luiscarvalho@esenf.pt

## Introdução

O período entre 1988 e 1999, considerado como uma das fases mais significativas para a evolução da enfermagem em Portugal, ficou marcado, em 1988, pela integração da formação em enfermagem no sistema educativo nacional, ao nível do ensino superior politécnico e, em 1999, pelo início do Curso de Licenciatura em Enfermagem, em um ciclo único de quatro anos curriculares<sup>(1)</sup>.

O modelo da formação em enfermagem, embora com número de horas letivas superior, continuou a centrar-se em processo de alternância entre teoria e prática, sendo difícil reconhecer seus potenciais formativos em virtude da interação dinâmica entre elas. O ensino clínico, associado ao teórico desenvolvido na Escola, constitui um momento importante de aprendizagem e desenvolvimento individual e profissional por meio do confronto com a complexidade dos cuidados em contexto real<sup>(2)</sup>.

De fato, além de praticar e aprofundar os conhecimentos adquiridos na Escola, nos contextos da prática os estudantes de enfermagem são confrontados com as situações reais da profissão e podem desenvolver competências que lhes permitam cumprir os valores, princípios e deveres preconizados no Código Deontológico<sup>(3)</sup>. No entanto, o ensino clínico/estágio sem supervisão adequada não proporciona as condições necessárias ao desenvolvimento dos estudantes, pois o sucesso da aprendizagem depende muito dos professores e enfermeiros tutores/orientadores que os acompanham<sup>(2-3)</sup>.

Neste sentido, pela importância dos ensinamentos clínicos/estágios no desenvolvimento dos estudantes de enfermagem<sup>(4)</sup> e para melhorar os processos formativos nos ambientes da prática, considera-se pertinente compreender o valor e o sentido atribuído pelos enfermeiros ao atual ensino de enfermagem. Assim, integrado em uma investigação mais ampla a nível nacional, "Contextos da prática hospitalar e concepções de enfermagem", este estudo objetivou compreender a percepção dos enfermeiros da assistência hospitalar sobre o ensino de enfermagem em Portugal.

## Métodos

Estudo qualitativo, realizado em 19 Centros Hospitalares de Portugal continental, de agosto de 2015 a fevereiro de 2016.

A técnica de amostragem intencional foi utilizada na seleção dos participantes e, para garantir maior compreensão do fenômeno, em cada uma das instituições hospitalares participou um enfermeiro gestor, um especialista e um assistencial, dos quais, um gestor recusou participar, totalizando 56 enfermeiros.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, com duração média de 60 minutos, e a seguinte pergunta norteadora: "Como os enfermeiros de instituições hospitalares percebem, o ensino de enfermagem em Portugal?". O encontro com os participantes foi previamente marcado, por contato telefônico, considerando as suas disponibilidades. As entrevistas foram integralmente transcritas e, posteriormente, enviadas por correio eletrônico a cada participante para validação de conteúdo.

As entrevistas foram codificadas utilizando as letras iniciais das palavras enfermeiro (E), enfermeiro especialista (EE) e enfermeiro gestor (EG), seguidas pelo número, o que correspondeu a 19 participantes nos dois primeiros códigos e 18 no último. A análise de conteúdo<sup>(5)</sup> foi efetuada à luz do referencial de Barbin, com recurso ao software Atlas.ti®.

O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

## Resultados

Entre os participantes, a maioria era do gênero feminino (73,2%) e as idades predominaram entre 30 e 35 anos e 50 e 55 anos. O estado civil majoritário foi Casado/União de fato (73,2%). Quanto à condição em que exercem a profissão, dada a intencionalidade da amostra, a distribuição é idêntica, pois existem 19 enfermeiros, 19 especialistas e 18 gestores.

Em relação à análise de conteúdo, além dos aspectos positivos e negativos da componente teórica

do ensino de enfermagem, emergiram elementos inerentes à componente prática, especificamente aquela concretizada em contexto hospitalar.

### Aspectos positivos e negativos do ensino de enfermagem no contexto teórico

Para os participantes, a transição do curso de enfermagem de bacharelato para licenciatura, há quase duas décadas, foi importante para contribuir com uma abordagem teórica mais relevante: *Com a licenciatura acho que a evolução foi realmente marcante porque houve um aprimorar dos conhecimentos* (EE4). *Atualmente, são abordados mais conteúdos teóricos* (EE5). Além da abordagem teórica mais aprofundada, os participantes destacaram a preocupação em lecionar conteúdos no âmbito da disciplina e profissão de enfermagem: *Já apanhei o ensino de enfermagem ... numa fase de evolução ... em que não se ensinava só a dar injeções e a fazer algaliações* (sondagens vesicais) *e outras técnicas... o ensino tem-se alterado no sentido de um grande desenvolvimento da enfermagem como profissão e como área de conhecimento próprio* (E5).

Quanto à preparação para aceder ao conhecimento específico da enfermagem, em relação ao que acontecia anteriormente, houve evolução positiva: *Nós nem sabíamos pesquisar em bases de dados... só no final do curso é que nós começávamos... antes nem pensávamos: vamos ver artigos científicos!... e, hoje em dia, é logo isso que vamos ver* (EE17). *E o mais importante é que se procura aceder ao conhecimento da nossa profissão* (E4).

O recurso à simulação para desenvolvimento de competências foi outro aspecto positivo salientado pelos enfermeiros: *As escolas agora, pelo menos algumas que eu conheço, têm-se dotado de materiais que simulam a prática... com laboratórios que eu acho que foram muito importantes* (EE11), *principalmente para os estudantes treinarem e melhorarem a técnica* (EE5). Além da aquisição de competências técnicas, o recurso à simulação para desenvolvimento de competências cognitivas emergiu como uma necessidade, ainda que não seja frequente em muitas instituições de ensino: *Na escola onde eu tirei o curso, para além da simulação ser importante na aquisição de competências técnicas, é essencial na promoção da capacidade dos alunos para a tomada de decisão* (E4).

Os relatos apresentaram também algumas fragilidades, como a existência de escolas de enfermagem com abordagens diferentes: *Há um retrocesso... e acho que poderá ter mais a ver com cada uma das instituições, ou seja, com o método de ensino-aprendizagem usado em cada uma das escolas de enfermagem... em algumas delas não se notam mudanças* (E4). As narrativas evidenciam que a percepção da existência ou não de mudanças está relacionada aos diferentes processos formativos: *Com alguma preocupação, eu vejo... duas situações... algumas escolas efetivamente têm... uma progressão em termos de ensino e, naturalmente, depois se repercute na aprendizagem e no trabalho dos alunos, e também depois como profissionais ... e vejo exatamente o contrário em algumas situações... em que eu vejo quase um retrocesso, ou seja, aparecem-nos aqui alunos e, posteriormente, como profissionais ... que não são mais-valias em termos institucionais, em termos de profissão, de forma a que em termos globais, embora eu uma melhoria ... em termos transversais, acho que ... há instituições de ensino que não estão garantidamente a contribuir para esse desenvolvimento e, a curto prazo, podemos ter alguns reflexos negativos a nível da enfermagem* (EG2).

Além das abordagens teóricas diferentes, também foi relevada a existência de escolas de enfermagem com exigências diferentes: *Penso que são situações que nunca mais são recuperáveis, porque se nota perfeitamente, provavelmente por opção, que tiveram em algumas dessas escolas com processos de ensino mais facilitadores, suponho eu, com possibilidades de ingresso mais facilitadoras, o nível de exigência nitidamente não é o mesmo* (EG2).

Decorrente do maior número de estudantes de enfermagem, os participantes denunciaram a existência e as consequências de um ensino menos personalizado: *Eu sou de uma turma em que éramos 27 alunos... onde tínhamos um acompanhamento mais personalizado... hoje em dia não... o importante é ter mais alunos, assim mais propinas* (mensalidades) *pagam, uma visão economicista* (E11). *Os professores nem conhecem os alunos porque são milhares... no nosso tempo ... era muito mais personalizado...* (EG8).

A frequência nas aulas teóricas, teórico-práticas e práticas, facilita desde a perspectiva dos participantes, à integração dos conteúdos teóricos e práticos, fundamentais ao exercício profissional da enfermagem, motivo pelo qual a não participação traz consequências. Acresce ainda que a opção dos estudantes

em frequentar ou não as aulas, nomeadamente teóricas, que não são obrigatórias, está relacionada com a opinião que têm do professor: *Os estudantes selecionam as aulas teóricas a que devem ir... nas teórico-práticas e práticas, têm faltas e, por isso, acabam por ir* (E4); *professores bons têm salas cheias, professores maus têm salas vazias... no meu tempo as aulas eram todas obrigatórias, nós íamos a tudo ... mesmo que a gente não gostasse...* (EG8); *acho que o fato das aulas teóricas serem de presença facultativa, é prejudicial para os alunos* (EE5).

Por último, a falta de aproximação aos contextos da prática foi outro aspecto frequentemente identificado nas narrativas: *Acho que as escolas, não estão adequadas à realidade... deveria haver também atualização das escolas ... porque às vezes, a realidade é bem diferente* (EE12).

### Aspectos positivos e negativos do ensino de enfermagem no contexto prático

Além da referência ao ensino teórico, ficou clara a importância atribuída pelos enfermeiros à prática clínica realizada no curso, sobre a qual também emergiram aspectos positivos e negativos. O fato dos estudantes serem acompanhados por docentes da escola foi significativamente valorizado: *Estes aqui têm uma mais-valia pelo fato do professor vir com eles, porque se fosse de outra forma também era difícil acompanhar* (EG7). Além dos docentes da escola, o recurso a assistentes para participar no acompanhamento dos estudantes em ensinamentos clínicos foi assumido pelos enfermeiros como um aspecto positivo: *Neste momento, noto inclusivamente que os colaboradores... são pessoas que estão ligadas à prática do dia-a-dia, são pessoas que têm conhecimento... sobre os contextos da prática* (EG6).

Muito influenciados pelos docentes que os acompanham durante o percurso académico, os estudantes têm evidenciado maior preocupação com o domínio autónomo da profissão: *Começam a perceber que nem sempre as intervenções interdependentes são as mais prioritárias... o domínio autónomo tem vindo a ser mais valorizado* (E4).

Decorrente dessa valorização, os estudantes se mostram mais capacitados para a concepção dos cuidados de enfermagem: *Nota-se maior preocupação com os dados relevantes, com a identificação de diagnósticos... com as intervenções... se foi atingido ou não o resultado almejado... e, se não foi, começa a falar-se mais frequentemente da necessidade de reformu-*

*lações* (EE5). Acresce ainda que, como fruto da exigência a que são submetidos, é notório o investimento na fundamentação da tomada de decisão: *Lembro-me de ser avaliado se fazia bem as dobras do lençol... o importante era o doente ficar bem lavado. Não interessava se sabia como se chegava a essa situação! E hoje em dia o mundo da enfermagem não é o mesmo ... o que hoje tem sido exigido... é um aluno de enfermagem saber fundamentar a sua tomada de decisão* (E3). De fato, de um ensino centrado no fazer e na imitação, focado na relação interpessoal com o enfermeiro tutor, em detrimento da componente cognitiva, tem-se evoluído no sentido de promover a tomada de decisão: *Antes, desde que aparecesse o trabalho feito, e se o enfermeiro com quem estivéssemos ficasse satisfeito porque fizemos tudo por ele, mesmo sem saber tomar a decisão, fizemos porque o enfermeiro fazia... hoje não é assim! ...O que é exigido aos alunos..., é que eles saibam explicar as suas decisões e não que fazem por nos verem a fazer... até porque nem sempre somos os melhores modelos para a prática dos alunos!* (E3).

À evolução positiva no âmbito da tomada de decisão, os participantes acrescentaram maior exigência de reflexão sobre a prática: *Atualmente, é dada a possibilidade a cada aluno e quase obrigação de refletir as suas próprias práticas... para digamos, não ser propriamente um praticante... ou seja, os alunos passaram a ter... um suporte teórico, técnico e científico necessário à prestação de cuidados, mas, simultaneamente, ganharam muito em termos de capacidade de análise e de reflexão* (EG1).

No âmbito dos aspectos negativos do ensino em contexto prático, a aparente diminuição do número de horas em estágio foi mencionada pelos enfermeiros: *O que me preocupa fundamentalmente da experiência que eu tenho é o seguinte: nós recebemos muitos alunos aqui e a carga de estágio... parece-me menos; é menor em termos de horas, é menor em termos de dinâmica, ou seja, é raro neste momento um estudante de enfermagem... fazer um horário completo em ambiente de estágio... eles vêm três a quatro dias, três a maior parte das vezes, e depois regressam à escola. ...Eu percebo do ponto de vista de fundamentar o trabalho teórico... Tenho as minhas dúvidas se em termos de desenvolvimento de competências práticas e de integração da teoria na prática será benéfico para os estudantes; o que me está a parecer depois dos colegas novos que recebo cá no serviço, é que não está a ser benéfica* (E9).

Além de, semanalmente, os estudantes passarem menos horas nos contextos da prática, a tipologia dos serviços onde os ensinamentos clínicos/estágios são

realizados pode comprometer a quantidade e qualidade das experiências proporcionadas: *Acho que a proliferação de tantas escolas fez com que não houvesse tantos campos de estágio quanto os desejáveis para os alunos... nem todos têm a possibilidade de estagiar em locais de contexto hospitalar que lhes proporcionem várias experiências e dinâmicas e depois o que acontece é que recebemos alunos que... estão muito mal preparados* (E16). O problema é que o elevado número de estudantes que anualmente continuam a ser admitidos nas escolas de enfermagem pode, na perspectiva dos participantes, agravar o mencionado: *O aumento do número de alunos que ingressam todos os anos pode comprometer ainda mais a capacidade dos serviços absorverem tantos alunos, o que tem vindo a ser notório nos hospitais* (E4).

Como justificativa para as dificuldades manifestadas pelos estudantes nos contextos clínicos, a hipervalorização da componente científica em detrimento da prática foi salientada pelos enfermeiros: *Em algumas situações parece que estamos a evoluir de uma fase exclusivamente centrada na execução técnica, para uma fase em que o importante é a teoria...* (EE5). No seguimento do referido, os participantes consideraram que os estudantes apresentam competências técnicas menos desenvolvidas: *Acho que houve evolução a nível teórico... mas acho que tem havido um decréscimo a nível de competências técnicas* (E16). *Chegam aqui muitas vezes, quase sem saber preparar um injetável. Não sabem dosear um soro que tem de perfundir em 24 horas, se não tiverem uma máquina... acho que há coisas que deviam de ser aprendidas, deviam ter sido executadas, e chegam aqui sem essa destreza* (EG13). Além das competências técnicas menos desenvolvidas, o fato dos estudantes apresentarem dificuldade em estabelecer relação terapêutica com os pacientes foi outro aspecto evidenciado: *Muito tratar, muito pouco cuidar, muito pouco falar com o cliente...* (E6). *Trazem muitas teorias, muitas informações, estão muito preocupados com isso e depois a importância realmente do doente e da pessoa significativa que nós temos aqui à frente, às vezes é negligenciada...* (EE9).

Apesar do investimento na composição teórica do curso, tem-se mantido a dificuldade em integrar os conhecimentos teóricos, o que poderá estar relacionado com a distância entre a teoria e a prática: *Os estudantes surgem fundamentados em termos de teoria, mas surgem, sobretudo, com grande dificuldade em integrá-la no contexto prático*

(E9). *Há um fosso muito grande entre o que eventualmente é focado nas escolas e o que é feito nos serviços... E esse é o esforço que tem que ser feito pelas escolas* (EE2).

Com repercussão significativa nos aspectos anteriormente mencionados, o fato dos estudantes realizarem estágios sem acompanhamento dos docentes da escola foi frequentemente mencionado: *No tempo em que eu tirei o curso, os monitores das escolas iam connosco para estágio e estavam... em vigilância, orientação, e acho que éramos mais apoiados em termos de formação... havia uma melhor ligação entre a teoria e a prática, dentro da filosofia da escola... O que eu vejo agora na realidade das escolas... é que não há monitores suficientes para os acompanhar, e se fazer um seguimento da aprendizagem do aluno* (E12). Na sequência de não serem acompanhados pelos docentes da escola, os participantes denunciaram alguns riscos: *São muito largados a nós profissionais da prática e isto implica o quê? Implica que... a preparação deles para a vida profissional está dependente do tipo de enfermeiro ao qual vai ficar atribuído. Porque se eles apanharem um enfermeiro exigente que lhes ensine as coisas como deve ser... vão ser um profissional muito semelhante... eles são moldados... consoante o modelo que os vai acompanhar... naquele ou nos outros estágios. Se apanharem vários modelos, eles têm que ter a consciência de optar por aqueles que eles consideram o melhor* (E12).

Acresce ainda, que decorrente de serem acompanhados por enfermeiros com perfis diferentes, a exigência pode ser muito diversa, culminando em modelos de avaliação muito distintos: *Se eu for muito exigente no estágio e não foram tão exigentes com ele no lado teórico, estou a ser injusta, porque estou a exigir mais do que aquilo para o qual o prepararam... Acho que é mais ingrato para eles do que foi para mim, que tinha um acompanhamento teórico-prático pelas mesmas pessoas e o grau de exigência era coerente e uniforme* (E12); *a avaliação é sempre complicada... como os alunos ficam com vários enfermeiros, as notas às vezes são muito diferentes... e eles não percebem* (EE5). Neste sentido, os participantes enunciaram algumas sugestões: *Acho que esse é um défice que as escolas deveriam repensar, porque pode ser positivo para o aluno estar com um profissional quando estes são de qualidade, têm jeito e disponibilidade... o que muitas vezes não é possível dentro dos serviços... É claro que numa fase mais avançada... já é diferente?! ...Mas, nos estágios iniciais do curso de base, penso que seria importante... que fossem acompanhados pelo professor a 100,0%* (EE8).



## Discussão

A limitação do estudo foi a abordagem qualitativa e a amostragem intencional, o que dificulta a generalização dos resultados. Esta investigação permitiu identificar fragilidades e problemas, cuja resolução será possível por meio de estratégias que, concomitantemente, poderão contribuir para melhoria do ensino de enfermagem<sup>(4)</sup>. Apesar do investimento efetuado ao longo dos últimos anos na área da supervisão clínica em enfermagem<sup>(6-8)</sup>, a produção científica sobre a percepção dos enfermeiros sobre o ensino de enfermagem em Portugal tem sido escassa<sup>(9)</sup>, o que dificulta a discussão dos resultados. No entanto, espera-se que esta investigação possa motivar a reflexão e discussão sobre a temática.

Os dados evidenciaram que no âmbito do ensino em contexto teórico, além da abordagem mais aprofundada e preparação dos estudantes para acederm ao conhecimento da própria disciplina, o recurso à simulação para o desenvolvimento de competências foi apontado pelos enfermeiros como aspecto positivo. Ainda que a experiência varie de escola para escola, a utilização da simulação e do treino simulado constituem estratégias pedagógicas fundamentais na formação, com impacto em várias dimensões desde a satisfação e envolvimento do estudante até a segurança da pessoa alvo dos cuidados de enfermagem<sup>(10-11)</sup>.

Neste sentido, e perante a evidência dos ganhos, importa que as escolas de enfermagem se envolvam em projetos que proporcionem aos estudantes este tipo de estratégias de ensino-aprendizagem. Efetivamente, a prática clínica simulada com recurso à dramatização e/ou a simuladores avançados, é capaz de reproduzir toda a envolvimento e complexidade do contexto clínico, o que contribui para o aprimoramento do conhecimento, a satisfação com o processo de ensino-aprendizagem, autoconfiança, diminuição do nível de ansiedade, motivação para aprender e capacidade de reflexão e pensamento crítico, cruciais ao desenvolvimento de profissionais de enfermagem globalmente competentes<sup>(5,11-12)</sup>.

Apesar da evolução no ensino de enfermagem, especificamente em determinadas escolas, os participantes reconheceram lacunas, na medida em que as experiências formativas não têm promovido a integração da teoria com a prática. A existência de escolas com abordagens diferentes, aulas teóricas não obrigatórias e o ensino menos personalizado, diretamente relacionado ao elevado número de estudantes, foram os aspectos negativos mais evidenciados. A presença dos estudantes nas aulas é influenciada pela opinião que têm do professor, o que mostra a importância das competências pedagógicas dos docentes<sup>(13)</sup> e evidencia a repercussão das percepções dos estudantes.

A ideia amplamente discutida no contexto de enfermagem, a nível nacional e internacional, de que teoria e prática são vistas como duas realidades separadas<sup>(14)</sup>, parece permanecer enraizada, o que justifica interpretá-la como um problema. O referido atribui aos docentes e enfermeiros que colaboram com a escola a responsabilidade de aproximar a teoria à prática<sup>(6)</sup>. Perante esta exigência, a tecnologia informática, as práticas simuladas, experiências virtuais e metodologias reflexivas<sup>(9-11)</sup> constituem estratégias com potencial para garantir a tão desejada transferibilidade do conhecimento.

Em relação ao acompanhamento dos estudantes em ensinos clínicos, alguns participantes abordaram a pertinência da colaboração entre docentes e enfermeiros, outros defendem o acompanhamento 100,0% pelos docentes da escola. Na sequência deste modelo, os estudantes evidenciam maior preocupação com o domínio autónomo da profissão e maior capacidade para a concepção de cuidados. Acresce ainda que com a presença do professor, é tendencialmente maior a exigência de reflexão sobre a prática, a qual enquanto estratégia essencial ao desenvolvimento da capacidade crítico-reflexiva dos estudantes, potenciará a adaptação às exigências da futura profissão e contextos de trabalho. Importa ainda considerar que, além de contribuir para a qualidade dos cuidados, a prática reflexiva e a capacidade de pensar criticamente, garantem cuidados mais significativos aos clientes<sup>(8)</sup>.

Atendendo a que a aprendizagem da profissão se faz por identificação com os modelos próprios da mesma<sup>(3)</sup>, os participantes reforçaram como aspecto negativo do ensino em contexto prático o fato dos estudantes ficarem atribuídos apenas a enfermeiros, uma vez que nem todos são capazes de se apresentar como modelos, o que teoricamente não é suposto acontecer com os docentes de enfermagem. Na verdade, e decorrente do percurso já efetuado, os enfermeiros em exercício de funções docentes devem ser modelos para os estudantes, possibilitar o desenvolvimento de compreensão mais profunda do que é ser enfermeiro e da responsabilidade que lhe é intrínseca<sup>(3)</sup>.

Embora a estrutura do curso de licenciatura em enfermagem contemple, pelo menos, 50,0% da carga horária curricular em contexto de ensino clínico<sup>(3)</sup>, o fato dos estudantes não permanecerem os cinco dias da semana em contexto real de prestação de cuidados justifica a percepção dos enfermeiros em relação à suposta diminuição do número de horas de estágio. Ainda que, frequentemente, a ausência se restrinja apenas a um dia por semana, os participantes consideraram que substituir esse dia por atividades na escola contribui para agravar as dificuldades, até porque a quantidade de experiências vivenciadas será menor. A não atribuição de sentido a esta estratégia denuncia, por um lado, a valorização das competências técnicas, e por outro, o desconhecimento dos objetivos desses momentos em contexto académico, aspectos que importam clarificar. Em consonância com os achados de outros estudos, a percepção dos enfermeiros de que, no seu tempo, teriam mais experiência prática, continua fortemente enraizada<sup>(15)</sup>.

Neste contexto, para que a teoria tenha repercussões na prática e essa influencie o processo de ensino-aprendizagem é crucial a colaboração/articulação entre os dois locais de formação<sup>(16)</sup>: Escola/Instituição de Saúde. A cooperação entre docentes, mais ligados ao conhecimento teórico, e enfermeiros, mais envolvidos na prestação de cuidados, resulta em complementaridade traduzida em vantagens nos processos formativos, proporcionando, simultaneamen-

te, momentos de aprendizagem prática para os estudantes e de formação em contexto de trabalho para os profissionais.

A par da importância dos docentes acompanharem todos os momentos formativos, emerge a necessidade de estratégias que potenciem o desenvolvimento e a consolidação do conhecimento, bem como a transferibilidade do aprendido para a prática clínica. Neste sentido, o investimento em modelos de acompanhamento de estudantes que contemplem, simultaneamente, a presença dos docentes da escola e a colaboração dos enfermeiros dos serviços, constituirá uma mais-valia para o processo de desenvolvimento dos estudantes, bem como para a promoção da qualidade dos cuidados de enfermagem prestados nos contextos<sup>(15)</sup>.

O fato de um aspecto relevante do discurso dos participantes sobre as diferenças dos processos de ensino-aprendizagem entre as diversas escolas de enfermagem, bem como na repercussão dos mesmos no desenvolvimento dos futuros enfermeiros e da enfermagem, justifica a análise e compreensão deste fenómeno. O conhecimento e a reflexão sobre as diferenças entre as instituições de ensino do país poderão contribuir para a clarificação do sentido da enfermagem, assim como para a melhoria contínua do exercício da profissão, o qual numa fase inicial da formação, se aprende no contexto académico. De outra forma, será comprometido o contributo das escolas e dos professores para o desenvolvimento da enfermagem.

## Conclusão

Apesar da evolução da enfermagem enquanto disciplina e profissão, os enfermeiros reconhecem que, no âmbito do ensino, muitas das fragilidades estão alicerçadas nas diferenças entre as escolas de enfermagem, sendo evidente a necessidade de maior aproximação da teoria à prática, o que implica, entre outras estratégias, o acompanhamento dos estudantes durante os estágios pelos docentes da Escola.

## Colaborações

Ribeiro OMPL contribuiu na concepção e projeto, análise e interpretação dos dados e redação do artigo. Martins MMFPS contribuiu na concepção e projeto e aprovação final da versão a ser publicada. Carvalho ALRF contribuiu na revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada. Santos LMMM e Viana MFR contribuíram na análise e interpretação dos dados.

## Referências

1. Pereira ASM, Cardoso DFB, Rodrigues MA. Marcos históricos do ensino e investigação em enfermagem em Coimbra – Séc. XIX - XXI. *Rev Enf Ref.* 2013; III(9):191-200. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIII13HM>
2. Melo RCCP, Queirós PJ, Tanaka LH, Costa PJ, Bogalho, CID, Oliveira PISF. Undergraduate nursing students' difficulties during clinical training: perception of the main causes. *Rev Enf Ref.* 2017; IV(15):55-62. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV17059>
3. Ordem dos Enfermeiros (PT). Conselho de Enfermagem e Conselho Jurisdicional. Parecer Conjunto n.º 01/2016 de 07 de outubro de 2016 [Internet]. 2016 [citado 2017 dez. 20]. Disponível em: [http://www.ordemenfermeiros.pt/documentos/Documents/CE-CJ\\_Parecer01-2016\\_AcompEstudantes](http://www.ordemenfermeiros.pt/documentos/Documents/CE-CJ_Parecer01-2016_AcompEstudantes)
4. Cunha CMSLM, Macedo APMC, Vieira IFGFF. Nursing students' perceptions of training processes in clinical supervision contexts. *Rev Enf Ref.* 2017; IV(12):65-74. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16072>
5. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2015.
6. Abreu WC, Interpeler SS. Effective mentorship to improve clinical decision making and a positive identify: a comparative study in Turkey and Portugal. *Int J Inf Educ Technol.* 2015; 5(1):42-6. doi: <http://dx.doi.org/10.7763/IJIE.2015.V5.473>
7. Teixeira SMM, Carvalho ALRF, Cruz SSSMS. Self-care assessment as an indicator for clinical supervision in nursing. *Rev Rene.* 2016; 17(3):356-62. doi: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.2016000300008>
8. Pinto DJE, Santos MR, Pires RM. Relevance of indicators of clinical supervision strategies in nursing. *Rev Rene.* 2016; 18(1):19-25. doi: <http://dx.doi.org/10.15253/2175-6783.2017000100004>
9. Lage I, Vilaça S, Araújo O, Almendra M, Novais R, Braga F. O ensino de enfermagem em Portugal: uma revisão sistemática. In: Membiela P, Casado N, Cebreiros MI, organizadores. *Nuevos escenarios en la docencia universitaria* [Internet]. 2016 [citado 2017 dez. 20]. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42202/1/50.pdf>
10. Padilha JM, Machado PP, Ribeiro AL, Ramos JL. Clinical virtual simulation in nursing education. *Clin Simul Nurs.* 2018; 15:13-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecns.2017.09.005>
11. Martins JCA. Learning and development in simulated practice environments. *Rev Enf Ref.* 2017; IV(12):155-62. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16074>
12. Negri EC, Mazzo A, Martins JCA, Pereira Junior GA, Almeida RGS, Pedersoli CE. Clinical simulation with dramatization: gains perceived by students and health professionals. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2017; 25:e2916. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1807.2916>
13. Troncoso MP, Gonzalez CGC, Guerreto VTG, Gonzalez CGM, Vasquez PAC, Rojas AVJ. Nursing students' experiences of change: from a traditional curriculum to a competency-based curriculum. *Rev Enf Ref.* 2017; IV(14):49-54. doi: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV17036>
14. McEwen M, Wills EM. Bases teóricas de enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2016.
15. Lapenã-Moñux YR, Cibanal-Juan L, Orts-Cortés MI, Maciá-Soler ML, Palacios-Ceña D. Nurses' experiences working with nursing students in a hospital: a phenomenological enquiry. *Rev Latino-Am Enfermagem.* 2016; 24:e2788. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.1242.2788>
16. Macedo AP. Nursing Supervision: studying the "case" of the phenomenon of interorganizational articulation nursing school and hospital. *Rev Esc Enferm USP.* 2014; 48(Esp2):200-7. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420140000800028>